

IMAGENS QUE FALAM: a fotografia como dispositivo pedagógico de documentação na educação infantil

Vanessa Regina Trentin Zoraski
Silvânia Regina P. Irgang
Anibal Lopes Guedes

RESUMO

A evolução da fotografia, desde sua condição inicial de prática restrita às elites até sua ampla disseminação e diversificação contemporânea, evidencia sua consolidação como um importante instrumento na história das práticas sociais e culturais. Neste contexto, o presente artigo investiga o papel da fotografia na Educação Infantil, com ênfase em seu potencial como dispositivo pedagógico para o registro e a valorização das interações e expressividades infantis no ambiente escolar. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando investigação bibliográfica e análise documental. As reflexões desenvolvidas apoiam-se em autores como Canabarro (2011), Sotang (2007), Hermann (2010) e Almeida (2015), entre outros, que contribuem para a compreensão da fotografia enquanto linguagem e prática educativa. O estudo evidencia que a fotografia possibilita a captura de momentos singulares e autênticos das crianças, especialmente daquelas em

fases pré-verbais, ampliando as possibilidades de análise das interações sociais e dos processos de documentação da aprendizagem. Discute-se, ainda, a influência das intencionalidades do professor-fotógrafo e do contexto de produção das imagens, ressaltando a necessidade de uma postura crítica, ética e reflexiva na utilização pedagógica da fotografia especialmente frente à nova era das mídias sociais. Os resultados desta investigação apontam que a fotografia, ao ser assumida como dispositivo pedagógico, passa a operar como uma forma de leitura sensível das experiências infantis. Assim, revelando o que, muitas vezes, verbalmente não é comunicado pela criança, mas sim por sua expressividade corporal no espaço-tempo escolar.

PALAVRAS-CHAVE Fotografia. Dispositivos Pedagógicos. Professor-fotógrafo. Educação Infantil. Mídias sociais.

■ Introdução

Em seu surgimento, a fotografia era uma prática restrita e complexa, demandando longos períodos de exposição e conhecimentos técnicos especializados. No entanto, com o aprimoramento da tecnologia fotográfica, uma mudança significativa estava se delineando na história da humanidade, como observado por Kossoy (2001:27): "A história, contudo, ganhava um novo documento: uma verdadeira revolução estava a caminho." Arrisca-se dizer que assim como o fogo representou um marco histórico para a humanidade, a fotografia também se tornou divisória na história da comunicação e documentação humana. Em conjunto, destaca Almeida (2015:42): "A fotografia como prática e como concepção entrou na esteira dessas transformações."

Com o passar do tempo, essa tecnologia evoluiu para se tornar mais acessível e versátil. Os longos períodos de exposição deram lugar às câmeras com filme, posteriormente às câmeras digitais e, atualmente, às câmeras presentes em nossos dispositivos móveis. Essa evolução ampliou significativamente o acesso à

prática fotográfica. Desde sua concepção inicial até os avanços contemporâneos, a fotografia tem se adaptado às demandas e aos progressos tecnológicos, desempenhando um papel crucial na documentação e na expressão visual da sociedade.

No contexto escolar, a fotografia também encontrou espaço ao longo do tempo, adaptando-se a essas mudanças. Ao conectar os avanços tecnológicos discutidos anteriormente com os objetivos educacionais na infância, o próximo capítulo se concentrará na relevância do uso da fotografia como dispositivo documental educacional¹, principalmente na Educação Infantil. A fotografia como a linguagem visual pode capturar e enriquecer as interações e experiências das crianças, em foco às de pouca idade, quando a verbalização ainda está em desenvolvimento.

COMUNICANDO PELA IMAGEM

Compreendendo o processo escolar tradicional documental: a escrita, é possível reconhecer com facilidade que há diversas formas de expressão e compreensão que não podem ser totalmente manifestadas pelo indivíduo por meio deste. Assim, a fotografia como dispositivo pedagógico entra neste cenário para contribuir na construção destes acervos. Como ressaltado por Canabarro (2011:20) “As fontes imagéticas permitem ir muito além das meras descrições [...]”

Especialmente na fase inicial da Educação Infantil, que abrange desde o nascimento até os primeiros anos de vida, as crianças estão imersas em um processo fundamental de desenvolvimento sensorial, emocional e social, caracterizado por uma intensa interação com o ambiente circundante. Durante esse período, as crianças estão continuamente expressando aprendizados de maneiras singulares e individualizadas. É uma fase marcada pelo início do processo de desenvolvimento da linguagem oral, no qual as crianças dependem substancialmente de outras formas de expressão para compreender e comunicar suas experiências e

percepções do mundo.

A ausência de domínio da linguagem oral e escrita nesse período não implica em falta de comunicação. Pelo contrário, as crianças utilizam uma diversidade de expressões não verbais, como gestos, expressões faciais, movimentos corporais e vocalizações, para expressar suas necessidades, emoções e interesses. Vygotsky (2001:120) reforça essa visão ao discutir a relação entre pensamento e linguagem, enfatizando que essa conexão se desenvolve ao longo do tempo, emergindo conforme a criança interage com seu ambiente. No entanto, nossa sociedade, muitas vezes, subestima as capacidades comunicativas das crianças que ainda não dominam a linguagem verbal, relegando-as à margem da comunicação adulta.

Ao negligenciar ou minimizar essas formas de comunicação no processo de documentação, limita-se as narrativas da criança acerca das interações com o mundo e também de seu desenvolvimento emocional e social.

É essencial adotar uma postura de escuta ativa e sensibilidade para com as crianças que ainda não dominam a linguagem verbal. Isso implica observar atentamente suas expressões e gestos, responder de forma apropriada e validar suas tentativas de comunicação, mesmo que não sejam expressas por palavras. “No conjunto de imagens que traduzem o mundo, a fotografia pode servir como uma alternativa a mais de leitura da realidade” (CANABARRO, 2011:21).

A fotografia não apenas enriquece os registros pedagógicos, mas também permite uma análise mais abrangente das interações sociais, dos interesses individuais e das estratégias de aprendizagem das crianças.

“ Diferente da palavra falada ou escrita, a fotografia é uma forma de comunicação que não conhece barreiras linguísticas ou geográficas de nenhuma classe, fato que em meu entender, aumenta o significado de qualquer fotografia, e ao mesmo tempo incrementa a responsabilidade do fotógrafo. (PETER; DA SILVA, 1999:13)

Fornecendo assim, “um testemunho.” (SOTANG, 2007:16). Na Educação Infantil, a fotografia também desafia o docente a questionar as narrativas dominantes sobre desenvolvimento infantil e aprendizagem, tendo em vista que “[...] cada foto é apenas um fragmento, seu peso moral e emocional depende do lugar em que se insere.” (SOTANG, 2007:122).

Ao debatermos a fotografia como dispositivo pedagógico na escola se faz necessária uma reflexão crítica sobre a prática do professor, que agora também tem o ato de fotografar integrando sua prática docente.

O PROFESSOR-FOTÓGRAFO

O olhar do professor ao fotografar transcende: ele se torna um ato de reflexão e sensibilidade, capaz de transformar uma simples imagem em um dispositivo formativo e estético. Segundo Hermann (2010:16), “[...] não se trata apenas de comover o espectador para purgar paixões, mas de concebê-lo como um agente livre, que se vale da reflexão para julgar por si próprio.” Nesse sentido, a fotografia no ambiente escolar deve ser entendida não apenas como um registro passivo, mas como uma oportunidade para promover a autonomia e a capacidade crítica tanto das crianças quanto dos espectadores das imagens.

A arte de fotografar no ambiente educativo é um exercício que transforma cada configuração numa oportunidade de múltiplos olhares, permitindo que “a alma e a espiritualidade internas sejam vistas em todos os pontos” (HEGEL, 1999:166). Este olhar atento e sensível do professor ao fotografar cria um ambiente onde a subjetividade das crianças é respeitada e evidenciada, assim como aponta Hermann (2010:17) “Tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel

formativo do eu.”

Além disso, é interessante que a fotografia no contexto escolar possua um caráter não repressivo, a estranheza também é documentável. A imagem também é “[...] capaz de revelar o estranho, de trabalhar contra as condições petrificadas das relações sociais e de dizer o que nós não conseguimos dizer” (HERMANN, 2010:43). Ao fotografar, cabe ao professor reconhecer “a situação do outro” (HERMANN, 2010:88), valorizando as diferentes formas de expressão das crianças e respeitando suas individualidades.

O papel do professor na fotografia é, portanto, multifacetado e desafiador. Ele precisa ser um observador atento e sensível, capaz de capturar momentos significativos sem interferir na naturalidade das interações das crianças. Assim, o agora “professor-fotógrafo” deve estar ciente de seu poder como mediador entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos, utilizando a câmera como uma extensão de seu olhar pedagógico.

A prática fotográfica envolve um processo de “saqueamento e preservação, denúncia e consagração”, como observa Sontag (2007:79). O professor, ao fotografar, não apenas captura momentos, mas também preserva memórias, denuncia injustiças e celebra conquistas, oferecendo um retrato multifacetado da vida escolar.

No entanto, como alerta Almeida (2015:73) “o uso estratégico da fotografia, mesmo sendo eficiente, não pode aniquilar a figura do autor-artista: indiferente e obrigatória, ela permanece”. O autor critica a apropriação do formato de fotorreportagem que esvazia seu conteúdo significativo, observando, que neste caso, “o artista sai para o mundo em busca de imagens a partir de um plano prévio, faz as fotografias e reconstrói a interdependência entre texto e imagem, mas deixa de lado a significância social do assunto abordado” (ALMEIDA, 2015:76). Assim, ressalta-se a importância de o professor-fotógrafo não apenas seguir um plano, mas também estar aberto às surpresas e significados inesperados que surgem no cotidiano escolar.

Além disso, a autora observa que a concepção da fotografia como registro é predominante em muitos

discursos, associando-a à objetividade e conceitos de verdade fotográfica, transparência, informação e documento. Contudo, também destaca que “com a mesma força que surgem essas ideias, imediatamente pensamos em sua contraparte do falseamento, da manipulação, da construção dos discursos, da ficção, da parcialidade, de pontos de vista, do recorte” (ALMEIDA, 2015:122-123). Apesar dessas possíveis manipulações, ele conclui que “um fato permanece inegável: algo esteve em frente à câmera em um determinado momento, para que uma tomada fotográfica fosse possível” (ALMEIDA, 2015:124).

Portanto, a importância do olhar do professor-fotógrafo ao captar cenas no contexto escolar reside na sua capacidade de valorizar as múltiplas formas de expressão das crianças, utilizando a fotografia como um dispositivo pedagógico que respeita e enriquece a cultura e subjetividade infantil. Cabe a este profissional equilibrar a documentação objetiva com a sensibilidade artística, reconhecendo a fotografia como um poderoso meio de comunicação das crianças do contexto para o mundo.

Mas, quais são os desafios enfrentados pelos professores ao tentar capturar a autenticidade das experiências infantis? Como podem os educadores evitar que a fotografia se torne um mero instrumento de validação e, em vez disso, usá-la para aprofundar a compreensão das interações e aprendizagens das crianças? Estes são questionamentos cruciais que o professor-fotógrafo deve

considerar ao integrar a fotografia em suas práticas pedagógicas. A fotografia, quando utilizada de maneira consciente e reflexiva, pode não apenas documentar, mas também enriquecer as experiências educacionais, capturando a essência das interações e expressões das crianças de uma forma que palavras ou números não conseguem.

A GRANDE ERA DAS MÍDIAS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NO ATO DO FOTOGRAFAR PEDAGÓGICO

Os avanços relacionados aos meios de comunicação, impulsionados pela globalização, transformaram significativamente as interações humanas, especialmente com o advento das mídias sociais. Quais também representam um reflexo da sociedade contemporânea (fazendo jus à sua primeira nomenclatura: rede social), onde diversas dinâmicas de interação emergem e evoluem constantemente.

Plataformas amplamente utilizadas como Instagram (2010), Facebook (2004) e TikTok (2016) são espaços onde comunidades se formam com finalidades variadas, assim como comenta Santos e Rudnik (2022:10) “Nessas plataformas, são criados perfis

pessoais para que se possa ter acesso a esse tipo de informação contida nessas ferramentas digitais, de modo a fazer parte da comunidade criada por diversos indivíduos com interesses mútuos.” Mas, onde entra a fotografia nisso? A rápida atualização e substituição destas plataformas e aplicativos refletem a evolução constante das trocas sociais virtuais, particularmente no consumo e compartilhamento de imagens.

“ Tirar uma foto. Cortar, aplicar um filtro. Deletar. Tirar outra foto, agora mais de perto. Cortar, aplicar um filtro, adicionar localização, marcar a si. Postar na rede e esperar por likes e comentários. Fazemos isso tantas vezes que

sequer pensamos sobre a dimensão que a fotografia carrega em termos de expressão de nós mesmos e do mundo que carregamos dentro de nós. (RIGOTTI; ROSA, 2020:33)

As mídias sociais, em sua maioria, acompanharam também a crescente demanda de compartilhamento de seus registros fotográficos. Um exemplo notável é o Twitter (2006), inicialmente concebido para compartilhamento de frases curtas, que posteriormente introduziu a opção de compartilhar imagens em suas atualizações. Outro caso é a criação do Instagram (2010), desenvolvido com a exímia finalidade do compartilhamento de fotografias/imagens.

“ [...] o Instagram representa um dos elementos significativos na mudança desse paradigma da imagem, antes fotográfica, atualmente digital/virtual. E de certa forma, se mescla com padrões anteriores aos seus, através de um hibridismo do olhar, que ao mesmo tempo é perene quanto à memória/lembrança dos indivíduos que a utilizam como mecanismo motor para era-la, mas também é fluido e excessivo em relação à quantidade de imagens que gera em seu display. (AZEVEDO, 2015:143)

No contexto contemporâneo, as mídias sociais representam não apenas um marco na evolução da fotografia, mas também uma oportunidade significativa para as instituições educativas aumentarem seu engajamento com suas comunidades internas e externas. Com a inserção das escolas nesse espaço digital, as fotografias utilizadas para registro e documentação passam a ser arquivadas e compartilhadas nessas plataformas, tornando-se elementos participativos nas consideráveis transformações da função da fotografia.

Adentrando nestes “ambientes”, as escolas se beneficiam da capacidade dessas plataformas de conectar pessoas e compartilhar informações de forma rápida e acessível. As fotografias, antes utilizadas principalmente para documentar eventos e momentos na vida escolar, ganham um novo propósito ao serem integradas ao contexto on-line. Elas não apenas contam narrativas, mas também se tornam veículos ativos de comunicação, engajamento e validação das atividades e conquistas educacionais. “[...] a intenção fotográfica mudou: se antes queríamos eternizar um momento, hoje queremos celebrizá-lo!” (RIGOTTI; ROSA; 2020:34).

Nesse sentido, a fotografia novamente deixa de ser algo que estava em suas raízes: apenas um meio estático de capturar imagens. Agora se transforma em algo dinâmico de interação social e comunicação visual. No entanto, é importante reconhecer que essa mudança também traz desafios éticos e práticos para nós professores.

A ênfase na comunicação visual modificou a maneira como percebemos e valorizamos as fotografias. Além disso, a presença on-line das instituições educativas requer cuidados com a privacidade dos alunos e o uso responsável das imagens compartilhadas. Tendo em vista esta discussão, emergem questionamentos fundamentais sobre os limites e propósitos da fotografia nas instituições educacionais. Como podemos equilibrar a divulgação das conquistas sem comprometer a privacidade e o bem-estar das crianças? Como evitar a superficialidade em favor de uma comunicação autêntica e significativa? Estas indagações tornam-se ainda mais relevantes diante do empobrecimento potencial da mensagem transmitida pelos registros fotográficos, que agora são frequentemente utilizados como instrumentos de validação e

promoção, implicando, também, justamente no uso da fotografia para registro das manifestações das crianças, em especial daquelas oriundas da Educação Infantil.

À medida que a fotografia se torna um elemento central na comunicação e promoção escolar nas mídias sociais, há o risco de perder sua autenticidade e profundidade. Quando a imagem se reduz a uma mera evidência de feitos e realizações, é possível ignorar as nuances e complexidades das experiências infantis. Desta forma perde-se o potencial da fotografia como dispositivo pedagógico facilitador da comunicação/documentação às crianças como também há a precarização dos acervos imagéticos escolares.

Assim, torna-se fundamental reconhecer que as fotografias produzidas no contexto escolar atendem a finalidades distintas, ainda que partam, muitas vezes, do mesmo gesto de registrar. A documentação pedagógica, pensada para o interior da escola, constitui-se como um dispositivo de escuta e interpretação sensível das múltiplas linguagens da criança (corporais, gestuais, visuais e expressivas) e tem como objetivo sustentar processos reflexivos do professor, da equipe pedagógica e das próprias crianças sobre suas experiências.

Já a fotografia que ultrapassa os muros da escola e passa a integrar as narrativas das mídias sociais responde a outras demandas comunicacionais, mediadas pelo olhar do outro, isto é, da comunidade escolar ampliada.

Confundir essas duas instâncias implica o risco de submeter a documentação pedagógica a filtros estéticos, narrativos e institucionais que podem silenciar a complexidade das experiências infantis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente da documentação escrita, muitas vezes produzida retrospectivamente, a fotografia captura momentos em tempo real, oferecendo uma representação mais fiel e imediata dos modos de brincar e interagir das crianças com os objetos, tempo, espaço, seus pares e adultos. Este dispositivo, que tem por qualidade o potencial de registrar as comunicações não verbais, se bem utilizada, se torna potente nos registros das manifestações das crianças na Educação Infantil.

Contudo, a fotografia, enquanto arte e meio de comunicação, é profundamente influenciada pela intenção do fotógrafo e pelo contexto em que é produzida. É imprescindível ao agora professor-fotógrafo compreender as limitações e as potencialidades desse dispositivo para utilizá-la de forma a enriquecer o processo educativo, evitando reduzir as experiências das crianças a meros registros visuais superficiais.

Os dados analisados indicam que a fotografia pode, de fato, ser um recurso poderoso para capturar momentos significativos da aprendizagem infantil, desde que acompanhada de reflexões e interpretações adequadas. Imagens que mostram crianças em ação, envolvidas em processos criativos ou exploratórios, são particularmente valiosas para revelar aspectos sutis do desenvolvimento infantil, frequentemente ignorados pela observação verbal ou escrita.

A fotografia também pode facilitar a comunicação entre escola e família, permitindo que os pais acompanhem de perto o desenvolvimento e as aprendizagens de seus filhos. Em um contexto onde a tecnologia móvel e as mídias sociais redefiniram o cotidiano escolar, a fotografia se consolidou como uma prática essencial para registrar e compartilhar propostas didáticas de forma instantânea e acessível.

Entretanto, se faz necessário compreender que a documentação imagética interna não precisa, e não deve, ser idêntica à externa, direcionada às mídias sociais. Isso permite preservar a potência da fotografia como dispositivo pedagógico, garantindo que ela comunique, sem reduções, as linguagens das crianças para além da oralidade, ao mesmo tempo em que protege a integridade dos acervos imagéticos escolares e o sentido formativo desses registros.

Dessa forma, espera-se que este estudo não apenas contribua para iluminar as transformações em

curso no uso da fotografia no contexto escolar, mas também ofereça subsídios teóricos e reflexivos para repensar e revitalizar sua função como um meio autêntico de documentação pedagógica e de expressão das múltiplas linguagens infantis. Ao situar a fotografia para além de seu uso instrumental ou promocional, o presente artigo buscou reafirmá-la como um dispositivo sensível, ético e formativo, capaz de qualificar os processos de escuta, comunicação e produção de sentidos no contexto educacional contemporâneo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. G. M. 60/70: **As fotografias, os artistas e seus discursos**. Curitiba: Juliana Gisi Martins de Almeida, 2015.

AZEVEDO, T. G. A. **#imagem e o #sujeito: a percepção da imagem a partir do Instagram**. Visualidades, Goiânia. v. 13, n. 1, p. 126-145, jan.-jun. 2015. <https://doi.org/10.5216/vis.v13i1.33657>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/33657>. Acesso em: 9 jan. 2026.

CANABARRO, I. S. **Dimensões da Cultura Fotográfica no Sul do Brasil**. Ijuí: Ed Unijuí, 2011.

HEGEL. **Cursos de Estética I**. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

HERMANN, N. **Autocriação e Horizonte Comum: ensaios sobre educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARCELLO, F. A. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 199–213, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/25426/14752/96666>. Acesso em: 5 jan 2026.

MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PETER, J.; DA SILVA, V. M. **Cadernos do Mestre Peter: um curso de fotografia na sua essência**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

RIGOTTI, G. F.; ROSA, É. D. **Fotografia na/da escola: dispositivos móveis, redes sociais e expressão**. Revista Educação e Linguagem, [s. l.], v. 9, ed. 18, p. 33-48, 2020. DOI <https://doi.org/10.33871/22386084.2020.9.18.33-48>. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeducplings/article/view/6630>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SANTOS, R. O.; RUDNIK, R. M. L.

Instagram e a educação: algumas considerações. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 27, 2022. DOI

<https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270099>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/HsGjTVtZ3Yn4Bn6SkHdsZvB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2026.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes, 2001.